

Escravidão no Período Colonial: a vida dos negros nos engenhos de açúcar

Vanessa Neves de Moraes*

Introdução

Falar em escravidão, nos remete refletir sobre um processo doloroso, no qual os negros foram obrigados a servir, gerar lucros, obedecer desde o patriarca da casa, bem como os feitores, capatazes e até mesmo os capitães do mato. Assim, vistos como subalternos seres sem alma que foram tratados com exacerbada violência, repugnância, desprezo, desvalorização tanto social quanto cultural, nos condiciona a reconhecer essa raça como gente de valor que contribuiu em grande valia para a formação do Brasil, com sua língua, arte, música, cultura, culinária, religião e diversos outros aspectos.

Desta forma, com a escassez da mão de obra indígena, foi necessário o uso dos negros nos latifúndios e engenhos de açúcar. Assim sendo, a escravidão foi um dos principais pilares no Brasil colônia, pois, por meio do tráfico negreiro no qual os colonos encontraram uma alternativa rentável foi possível escravizar os negros durante séculos em diversas atividades econômicas.

Neste sentido, o presente artigo tem como objetivo analisar o processo de escravidão dos negros em terras brasileiras até o fim do ciclo da cana de açúcar em meados de 1654, bem como, os motivos que levaram os trabalhadores negros a abranger expressiva resistência à imposição desgastante de trabalho. Visto isso, o problema que procuraremos esmiuçar é compreender de que forma os negros contribuíram para a formação do Brasil levando-se em conta, seus fundamentos sócios culturais.

Tendo como base que esse povo sofreu duras jornadas de trabalho, intensos castigos, diversas más condições de vida e que ainda lutam até hoje para defenderem suas características culturais e sociais, para liquidarem com o preconceito e o racismo diante de uma sociedade que ainda possui um olhar etnocêntrico muitas vezes carregados de estereótipos e preconceitos, o tema repercutiu grande interesse em explora-lo a fim de dizimar essa imagem de que o negro é um favelado, inferior, gentinha desqualificado por possuir uma cor e traços físicos distintos de outro povo.

* Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás Unu—Uruaçu. Em Pedagogia Pela Siel. Pós-Graduada em História e Cultura-Afro pela ULBRA.

Assim, para desenvolvimento da escrita, foi feita uma revisão literária composta de livros de consagrados autores tais como: Gilberto Freyre (2004), Luiza Volpato (1997), Caio Prado Junior (2004) Klein (1987) e alguns outros, que propuseram fomentar o tema de forma profunda. Desta maneira, o artigo ficou dividido em três seções sendo a primeira denominada “Uma Travessia Amarga”, no qual abarcará o triste cenário da ruptura do negro de sua terra natal para os navios negreiros, ou tumbeiros como muitos autores afirmam, sendo condicionados a enfrentarem uma árdua travessia. O segundo titulado como “O Cotidiano Escravocrata” esboçará sobre a vida dos negros nos engenhos de açúcar, tratando de seu cotidiano nas fazendas rurais e nas senzalas. Por fim, o terceiro, qualificado como “A Resistência Africana”, abrangerá sobre as formas encontradas pelos negros a fim de romper com a vida hostil que lhes eram impostas.

Uma travessia amarga

Retirados da África a força de maneira impetuosa, foram eles obrigados a se alienarem ao novo mundo, sua cultura e religião foram passando por um sincretismo isto é foram sendo moldadas, adaptadas com o contato às credices, rituais e culturas dos nativos e colonos. No entanto, para que isso sucedesse um longo caminho foi trilhado. Ao serem removidos de sua terra natal até chegarem aos portos da colônia portuguesa, os negros enfrentavam uma tempestuosa travessia sendo enfiados em grande quantidade em navios negreiros. [...] Mal alimentados, acumulados de forma a haver um máximo de aproveitamento de espaço, suportando longas semanas de confinamento e as piores condições higiênicas, somente uma parte dos cativos chegavam com vida ao Brasil (PRADO Jr, 2004, p.37);

Depois da captura, o que vinha era a espera. Geralmente aguardavam em balcões improvisados, na própria costa, fazendo suas necessidades com dezenas de outras pessoas na mesma situação. Por vezes os capturados passavam meses sem saber do futuro, trabalhando nas plantações de traficantes. Quando eram embarcados, era da forma mais desconfortável possível, com centenas de outros prisioneiros, a maioria portando as mais variadas moléstias. Passando por todas essas etapas de sofrimento, ai sim se tornariam escravos, permanecendo a vida toda como acontecia na maioria dos casos a serviço de um senhor e sua prole no novo mundo (BRITO, 2012, p. 54).

Concomitante a esse quadro o modo de produção havia deixado de priorizar a extração do pau-brasil, passando a cultivar a cana de açúcar. (PONCIO. 2012). Desta maneira, com a dizimação dos indígenas diante de diversas rebeliões entre os colonos que tinham por objetivos colonizar as terras e torná-los servos obedientes e dóceis, os mesmos

começaram a resistir à subordinação dos portugueses sendo também protegidos pelos jesuítas que eram contrários a escravidão dos indígenas. “Os índios resistiram as várias formas de sujeição, pela guerra, pela fuga, pela recusa ao trabalho compulsório” (FAUSTO, Boris. 1994). Por este fato, foi necessário obter grande demanda de força de trabalho especializada. Ainda segundo Brito (2012), os negros eram vendidos pelos seus chefes de tribos africanos sendo trazidos pelos portugueses da costa da África. Até meados do século XVI, eram eles adquiridos pelos senhores de engenho de Pernambuco e Bahia. Em equivalência Poncio (2012) aprofunda ao posicionamento de Brito (2012), ressaltando a respeito da viagem sofrida enfrentada pelos negros.

Os navios costumavam sair do continente africano com centenas de escravos, que eram trancados nos porões de espaços reduzidos, com o calor insuportável. Quando algum africano passava mal, não recebia tratamento nenhum. Também era comum, quando os escravos morriam, que fossem tirados somente no final da viagem. Quando o capitão precisava por algum motivo diminuir o peso da embarcação, era comum que o capitão jogasse escravos no mar, preferindo em primeiro momento os mortos, seguidos pelos doentes e posteriormente pelos mais fracos, ainda que vivos. Cabe destacar que uma das formas de manter a ordem no cativo era a aplicação de castigos físicos e a restrição de água e comida, o que não tardava a proporcionar um ambiente de moléstia e doenças a que só os mais fortes resistiam (PONCIO, 2012, p. 40).

Assim, os negros enfrentaram um grande infortúnio nesses navios negreiros, além de serem selecionados pelos capitães, os enfraquecidos eram jogados ao mar vivo. Condiçoados a ficar acorrentados uns ao lado do outro em lugares apertados, desconfortáveis e abafados que cabia pouca gente, era ali que se realizavam as necessidades pessoais em meio a toda gente, junto ao calor, a restrição de comida, o aparecimento de doenças resultava em perdas que não geravam prejuízo para os capitães porquanto, logo, outra viagem era realizada. “Desta forma, os capturados ao embarcarem nos portos da colônia eram tratados para apresentarem uma boa aparência para que pudessem render lucro aos mercadores, assim, eram eles de diferentes regiões, com diferentes experiências culturais obrigados a conviverem nas senzalas e a trabalharem nos latifúndios” (VASCONCELOS, p. 01-02).

Esses eram vendidos por peças e seu valor variava de acordo com altura, qualidade dos dentes, força muscular, enfim, por critérios físicos que precisavam mostrar condições para trabalhar para os senhores de engenho, ou até mesmo para outros escravos, mas que acabavam por denotar sempre uma imagem de subordinação e aptidão para o trabalho. Aliás, trabalhar para outros escravos era comum, pois, muitos escravos de ganho juntavam dinheiro e adquiriam também suas peças, que além

de prestígio social, ainda lhes rendia alguma forma de renda (PONCIO, 2012, p. 88).

Ao defrontarmos com esse cenário hostil e sofrido não imaginamos que essa rota foi apenas o início de uma exploração marcada por frieza, violência, padecimento, tortura e principalmente preconceito exacerbado que gera influencia até os dias de hoje. Assim, deduz-se que a história deixa suas marcas no espaço e no tempo, todavia, temos como papel dizimar essas cicatrizes elucidando a importância do negro como raça, como gente, como cidadão para a formação do Brasil, porquanto, foram através de suas cantorias, danças e costumes que aprendemos e valorizamos um pouco eles.

O cotidiano escravocrata

Direcionados para os latifúndios após serem comprados pelos seus respectivos donos, os negros eram apresentados a uma vida pacata e sofrida, banhada de regras voltadas ao trabalho nas lavouras e no engenho. Assim, o negro era quem trabalhava durante o dia debaixo do sol escaldante sendo obrigado a adquirir enriquecimento ao seu senhor debaixo de uma fiscalização regida por olhares, chicotes e castigos diversos exercidos pelos feitores quando não cumpriam o que era imposto.

A vida na colônia era inicialmente muito pacata e voltada principalmente para o cultivo de produtos agrícolas. Ou seja, a primeira preocupação era garantir a subsistência. Com o passar dos anos, veio a criação de gado, e com o aumento da produção de artigo como, por exemplo, tabaco, algodão e o mais importante deles o açúcar, ocorreu a necessidade de vender o excedente. Esse último dava ao dono da fazenda de médio e grande porte o título do senhor de engenho, e, por isso, ele passava a ser respeitado não somente em sua fazenda, mas, em toda a sua vila ou cidade (PONCIO, 2012, p. 41).

No entanto, quando os negros chegavam a sua nova rotina, eram deparados com novas obrigações, imposições, leis e regras, para o bem e conforto do senhor de engenho. “Os escravos eram mantidos sob vigilância e controle rigoroso nas plantações entre outras funções exercidas por eles durante todo o tempo” (KLEIN, 1987).

Assim, os mesmos eram destinados a trabalharem nas lavouras de canas de açúcar, no engenho local onde produzia o produto exportado e nas senzalas lugar em que todos ficavam depois de horas de atividade. Desta maneira, em relação à autora Scheifer (2012), afirma que o primeiro contato entre africanos e europeus em terras brasileiras, foi um contato de dominação, pois, o negro escravizado era visto como coisa, sendo proibido

de direitos e deveres em especificação os negros das lavouras que eram vigiados constantemente por um feitor chegando a trabalhar cerca de quinze horas por dia.

O número de horas médias de trabalho de um escravo no século XVI variava de entre 12 a 14 chegando em algumas fontes históricas a até 16 por dia. Nesse período, realizavam uma variada carga de tarefas para manter o bom funcionamento da fazenda como um todo. De serviços caseiros destinados as escravas como domesticas e amas de leite a serviços externos, destinados aos homens, mulheres e crianças, que excluía cortar lenhas, plantar e cuidar dos canaviais, arrumar estradas e pontes, enfim, toda e qualquer tarefa braçal que surgisse como necessária para o bom funcionamento da fazenda e conforto dos senhores. Em apenas alguns momentos os escravos podiam fazer sua alimentação (PONCIO, 2012, p. 41).

Sendo eles subjugados ao extremo por uma exploração devastadora, não podemos deixar de antever que os mesmos engendraram seus costumes, sua luta diária, suas raízes culturais e religiosas transmitindo uma grande influência para a história Brasileira, porquanto, foram por meio de sua representativa resistência, empenho cotidiano, seus modos de trabalhar de lidar com as tarefas, de cuidar dos filhos das sinhás, de efetuarem as refeições que adquirimos influências culturais de origens africanas. Dessa forma, enquanto a libertação de ser escravo se tornava um sonho longínquo que fora apenas realizado no final do século XIX, a vida nos engenhos de açúcar continuava enfadonha, restrita e insuportável.

O engenho e um estabelecimento complexo, compreendendo numerosas construções e aparelhos mecânicos: moenda: (onde a cana é espremida), caldeira, que fornece o calor necessário ao processo de purificação do caldo, casa de purgar, onde se completa essa purificação. Além de outras, o que todas as propriedades possuem é, em regra, a casa-grande, a habitação do senhor; a senzala dos escravos; e instalações acessórias ou suntuárias; oficinas, estrebarias, suas terras, além dos canaviais, são reservados para outros fins: pastagens para animais de trabalho culturas alimentares para o pessoal numeroso, matas para fornecimento de lenha e madeira de construção (PRADO, JR, 2004, p. 38).

Conforme Prado (2004) esboça, a fazenda era sistematizada de maneira que pudesse ser cômoda para o senhor de engenho, isto é, a senzala e o latifúndio, por exemplo, ficavam longe dos olhares do dono porque o mesmo não queria obter nenhum contato com o negro, assim, quando o mesmo exercia seu trabalho era mandado para as senzalas, posto isso, segundo Poncio (2012), “os escravos dormiam no chão duro de terra batida ou sobre palha. Costuma haver na frente das senzalas um pelourinho, tronco usado para amarrar o escravo para a aplicação de castigos físicos”.

Aos escravos eram reservados espaços conhecidos como senzala, ou senzala na língua de Moçambique e que significava habitação coletiva. Nessas casas sem ventilações, sem janelas, é que os escravos dormiam, comiam e passavam as horas em que não estavam nas lavouras, normalmente acorrentados para evitar fugas (PONCIO, 2012, p. 46).

Desta maneira, cabe salientar que as crueldades não eram realizadas apenas com os negros tais como: serem castigados no tronco para servirem de exemplo aos demais, serem acorrentados, chicoteados quando resistissem a alguma ordem severa, as escravas também passaram seus momentos de martírio.

Confirmam-no os nossos cronistas os viajantes, o folclore, a tradição oral. Não são dois nem três, porem muitos os casos de crueldade de senhoras de engenho contra escravos inermes. Sinhás-moças que mandavam arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los a presença do marido, a hora da sobremesa, dentro da compoteira de doce e boiando em sangue ainda fresco. Baronesas já de idade que por ciúme ou despeito mandavam vender mulatinhas de quinze anos a velhos libertinos. Outras que espatifavam o salto de botina dentaduras de escravas; ou mandavam-lhes cortar os peitos, arrancar as unhas, queimar a cara ou as orelhas. Toda uma serie de judiadas (FREYRE, 2003, p. 218).

Como foi exposta, a vida dos negros nos engenhos de açúcar não se resumia apenas a trabalharem nos latifúndios, a eles era proposto todo trabalho necessário à fazenda, as mulheres cabiam o dever de servir em todos os sentidos, as crianças eram ensinadas desde cedo a fazerem pequenas atividades e aos adultos cabia o primordial, fabricar o produto importado, gerar lucros, satisfazer os senhores em seus desejos supérfluos, sendo tratado como boa serventia até o momento que o mesmo pudesse contribuir em grande demanda.

A resistência africana

Foram muitas formas que os negros encontraram para resistir à vida de escravo, além de arquitetarem rebeliões nas senzalas, inúmeras fugas que em grande parte resultavam na captura pelo capitão do mato ou até mesmo os bandeirantes, eles formaram quilombos sendo o mais conhecido, “O Quilombo Dos Palmares”, que repercutiu na história como um grande marco da representação da rejeição da vida árdua de escravo.

Inúmeros foram os quilombos que se formaram e que foram construídos enquanto existiu a escravidão. Também contra eles foi utilizada a destreza dos paulistas. Os bandeirantes lutaram contra os negros fugitivos, não só da capitania de São Vicente, mas também de outras regiões da colônia. O mais famoso quilombo dos palmares, situado na

capitania de Pernambuco, foi destruído pelo bandeirante Domingo Jorge Velho, em 1694 (VOLPATO, 1997, p. 49).

Portanto, por meio da formação desses quilombos os negros puderam dar continuidade ao seu modo de vida assim, como um dia viveram na África em comunidades, em grupos, os mesmos vivenciou em diversas regiões da colônia a liberdade de praticarem seus costumes, sua cultura, religião e até mesmo a linguagem que foi sendo modificada com o contato com o europeu. Em equivalência ressalta Poncio (2012), que uma forma encontrada pelos negros fugidos é a fundação de lugarejos que abrigavam centenas de escravos. Muito recorrente, os quilombos foram formados em diversos lugares dentre eles o Rio de Janeiro, Minas Gerais, além do Rio Grande do Norte e Pernambuco.

Os escravos eram proibidos de praticar sua cultura, qualquer tipo de luta ou dança: a capoeira, uma forma de luta de resistência do negro, passou a ser mascarada pela dança, principalmente no quilombo e nas senzalas e se transformou em um importante instrumento de resistência dos escravos brasileiros (SCHEIFER, 2012, p. 123).

A capoeira que hoje é bastante utilizada em eventos escolares, apresentações em ruas além de ter sido um instrumento de defesa contra o infortúnio apresentado ao negro, se tornou mais uma influência deixada por eles nos nossos dias atuais.

Embora ao longo da história brasileira o negro tenha sido subjugado, este mesmo povo esteve sempre buscando maneiras de se integrar a sociedade sem perder totalmente aspectos de sua cultura e que hoje, são por vezes incorporados e difundidos aos costumes das classes hegemônicas. Exemplo disso são algumas palavras que tem origem africana: atabaque, axé, banzo, beleza, candomblé, congado, orixá, quilombo, quizomba, umbanda, vatapá (AGOSTINHO e ROCHA, 2001).

Conforme as autoras esboçam, os negros sempre lutaram para manterem suas raízes mesclando ou até mesmo adaptando com as demais raças que aqui continha. Deste modo, é possível afirmar que adquirimos alguns costumes dos negros, prova disso são as palavras originadas da África que hoje fazem parte do nosso vocabulário como também os pratos típicos da África que acabaram se tornando pratos típicos brasileiros.

A culinária tradicional africana tem muitos pratos que são conhecidos como comidas de santo. Esses pratos eram utilizados para serem oferecidas as divindades religiosas cultuadas pelos negros e mais tarde se tornaram pratos típicos que representavam a culinária brasileira como exemplos, podemos citar o acarajé, mungazá, qui bebe, farofa, vatapá, o cuscuz, angu, pamonha, feijoada, entre outros (SCHEIFER, 2012, p. 185).

Como Scheifer (2012) ressalta os pratos que representam a prática de religiosidade dos negros hoje se tornaram pratos famosos que fazem parte da cultura brasileira, dos nossos hábitos e costumes, pratos que agradam nosso paladar e que carregam por trás de si uma grande história que muitos desconhecem sua origem. Assim, levamos conosco grandes costumes e influência dos negros, bem como: a dança, a música como, por exemplo, o samba, a religião e características peculiares como esboça Freyre (2004).

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida. Trazemos todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado (FREYRE, 2004, p. 191).

Sendo assim, tamanha foi à crueldade para com eles, no entanto, o contato dessa gente com o europeu resultou numa mistura de conhecimentos advindo dos negros, posto que, eram as negras quem alimentavam os filhos dos senhores de engenho, eram quem cuidavam, zelavam, passando seus hábitos e costumes que hoje ficaram arraigados em nosso cotidiano. Por conseguinte, podemos notar a grande influência que os negros povos guerreiros deixaram para nós em cada detalhe em suas formas, seus traços e sua cor.

Considerações finais

O desenvolvimento deste trabalho teve como intuito promover uma reflexão acerca da importância do negro como raça, tendo como propósito salientar a importância das sociedades africanas como gente, como etnia abrangendo todos seus aspectos físicos, sociais e culturais que culminaram para a formação do povo brasileiro. Por mais que vivenciamos um cotidiano banhado de preconceitos, essa raça nada mais é do que um dos sangue que correm em nossas veias, posto que, somos uma população com vários povos e grupos miscigenados oriundos do negro, do índio e do branco. Por conseguinte, Carregamos uma mistura em cada aspecto da nossa vida.

Sendo assim, o que ainda nos incomoda em grande escala são as atitudes da sociedade, o modo como os mesmos ainda tratam os negros, debruçando sobre eles olhares maldosos e preconceituosos, tratamentos racistas, pois, sendo a sociedade conhecedora do imenso flagelo em que muitos viveram levando-se em conta, a exploração capitalista e diversas outras opressões enfrentadas pelos negros esse posicionamento se

torna um despautério. Deste modo, pudemos observar a grande luta que esse povo enfrentou nos navios tumbeiros, nos latifúndios de cana de açúcar, nos engenhos e nas senzalas nunca deixando de praticar sua religiosidade, seus costumes e suas culturas.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO, Cristina; ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. *A Valorização do povo negro no cotidiano da vida escolar*. Belo Horizonte: Mazza, 2001.

BRITO, Edilson Pereira. *História da África e dos Africanos: da divisão colonial aos dias atuais*/ Indaial: Uniasselvi, 2012.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Ed. da USP. 1994. 666p.

FREYRE, Gilberto, 1900-1987. *Casa- grande e Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*; apresentação de Fernando Henrique Cardoso. -48ª Ed. rev. São Paulo. Global, 2003.

KLEIN, Herbert. *A escravidão africana: América Latina e Caribe*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 54.

PONCIO, Gilberto Valdemiro. *Trabalho, sociedade e Resistência na História Brasileira*. Indaial: Uniasselvi, 2012. 109p.

PRADO, JR, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SCHEIFER, Bruna. *Cultura e Religiosidade afro-brasileira*. Indaial: Uniasselvi, 2012.

VASCONCELOS, Sergio Sezino Douets. *Igreja Católica e a Escravidão no Brasil Colônia: uma abordagem cultural*. <http://pe.anpuh.org/resources/pe/anais/encontro5/04-rep-sociais>.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. *Entradas e Bandeiras*. São Paulo: Global, 1997.